

reflexões sobre

ARTEvisual

v.5 n.14 julho de 2024



Terraplanismo e Arte Visual.

Professor Dr. ISAAC A. CAMARGO



Expediente:

Revista: Reflexões sobre Arte Visual

Publicação Atual e Anteriores:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual>

Editor/Autor: Professor Doutor *Isaac A. Camargo*

Dados sobre o autor – Plataforma Lattes:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4790878E4>

Projeto de Ensino: Resolução N.476 – CAS/FAAALC/UFMS, 09/08/21

Edição:

Reflexões Vol.5, No.14, julho 2024 – Terraplanismo e Arte Visual.

Periodicidade: quinzenal

Campo Grande - MS

Capa: Placa de argila encontrada na Babilônia com representação do mundo conhecido por eles na antiguidade.

APRESENTAÇÃO

*A revista **Reflexões sobre Arte Visual** tem por finalidade discorrer à respeito de obras de Arte, períodos, artistas, situações e acontecimentos no intuito de difundir conteúdos neste campo do conhecimento a partir de meus projetos e proposições de ensino e produção artística.*

Os temas escolhidos para os artigos dizem respeito a Arte Visual como um fenômeno cultural e suas relações com o contexto social.

Os conteúdos aqui publicados tem a finalidade de difundir conhecimentos no campo da Arte Visual sob o ponto de vista do autor.

É permitida a reprodução total ou parcial dos trabalhos desde que citada a fonte.

O acesso é público e gratuito.

Esta publicação é informativa e não tem qualquer finalidade comercial.

Qualquer pessoa ou instituição que se sentir prejudicada em relação aos conteúdos, informações e imagens aqui apresentadas, devem entrar em contato: isaac_camargo@hotmail.com

A terra é um Disco ou uma Esfera?

Para a maioria da população mundial as evidências que apontam para a esfericidade da terra são mais convincentes do que a planicidade que uma pequena parte da população crê. Este ponto mobiliza os chamados Terraplanistas ao fundarem um tipo de seita ou sociedade amparada numa espécie de paranoia em busca da refutação da esfericidade do globo terrestre supostamente criada por uma conspiração para negar a “Terra Plana”.

A meu ver, isto não tem qualquer importância na vida das pessoas. Com exceção dos geógrafos, astrônomos e outros estudiosos do sistema solar que já constataram sua esfericidade, mas para a maioria dos terrestres, não importa se a terra é um disco ou esfera. Algo que só importa mesmo para os Terraplanistas, pois só eles se preocupam com isto. Talvez fazer parte de algo incomum e mesmo insano lhes dê uma sensação de pertencimento já que admitir a esfericidade não motiva cultos, associações nem destaque na mídia...

Desde a antiguidade a necessidade de representar limites e fronteiras entre povos e regiões foi uma necessidade humana e isto foi feito sobre superfícies plana, ou seja, áreas tridimensionais planificadas para representação espacial. Uma das primeiras foi realizada pelos Babilônios numa placa de argila desenhada e legendada pela escrita cuneiforme. Ela indica o mundo que eles conheciam naquela época. A planicidade da representação talvez tenha sido o que levou os leigos a pensarem que o mundo era plano e não a representação bidimensional de algo tridimensional.



Acima, à esquerda a placa de argila com a descrição e ao lado o desenho e a tradução obtida a partir do original. A partir dali surge a Cartografia, o campo de estudo destinado às pesquisas geográficas e documentais destinadas a elaboração de mapas.

A Cartografia é um procedimento representacional que busca mostrar com eficiência o espaço na terra. Recorre à “representação” dos acidentes geográficos, fronteiras, morfologia e demais dados que possam contribuir para o reconhecimento geográfico. Também existem os Cartogramas que, embora remetam à criação de imagens de base cartográfica, não são construídos como um mapa tradicional, mas como ilustrações, interpretações. Eles não seguem as convenções nem as construções técnicas da cartografia.

Os Cartogramas não se destinam a indicar lugares, características geológicas ou globais como os mapas típicos dos estudos geográficos.

A representação babilônica mostrada anteriormente preenche esses requisitos: comunica um conhecimento, um modo de pensar e delimitar simbolicamente os territórios e domínios, mas não o faz de modo preciso e metrificado. Ilustra o pensamento corrente ou impõe uma crença e é isto que pensam os Terraplanistas: Que os mapas são “retratos” do mundo e não representações bidimensionais de ambientes tridimensionais.

Neste sentido, eles têm uma certa razão, durante muito tempo o mundo foi ordenado e mantido por meio de crenças e mitos, no entanto, na medida em que o conhecimento e os métodos científicos e sistemas de observação, aferição, pesquisa e mensuração avançaram tornou-se mais fácil convencer as pessoas de que o mundo não é plano nem acaba em barranco. O golpe final contra os Terraplanistas ocorreu quando foi possível lançar aparelhos para fora da estratosfera e documentar fotograficamente a terra, a lua e outros planetas distantes, enfim, a ilusão da representação plana caiu por terra... Literalmente.

É intrigante ver que ainda existem pessoas que, à despeito de todas as conquistas tecnológicas, geográficas, espaciais para verificação, leitura, registro e observação das configurações terrenas, ainda acreditem na terra plana. É um retrocesso à antiguidade, período em que o que se sabia cabia só no limite físico do deslocamento humano. Muitos ainda acreditam em mitos, a manutenção de crenças arcaicas, dissidentes do pensamento lógico e científico é um meio de dominação. As massas ignaras adoram isso e seguem como manada líderes ou pensadores que usam a desinformação para obter vantagens.

A crença no Terraplanismo remonta aos sumérios, aos babilônios, aos antigos egípcios, aos hebreus primitivos e a maior parte dos gregos. Embora desde a Grécia antiga já houvesse dissidência dessa crença, reforçada na Idade Média por Alberto Magno, Venerável Beda e Tomás de Aquino. No final da Idade Média e início da modernidade, esta tese foi contestada de maneira mais incisiva por nomes com os de Nicolau Copérnico, Galileu Galilei, Cristóvão Colombo e Fernão de Magalhães.

O Terraplanismo foi contestado e finalmente refutado pelo “Esferoplanismo”, mas no século XIX volta a baila por meio de alguns experimentos mal feitos que procuravam justificar essa crença como a antiguidade havia acreditado. Samuel Birley Rowbotham (1816-1884), conhecido pelo pseudônimo de *Parallax*, publica, em 1849, um panfleto: *Astronomia Zetética* e em 1865, suas teorias no livro *Earth Not a Globe* (a Terra não é um Globo) afirma que a Terra seria um disco achatado centralizado no Polo Norte, delimitado ao sul por uma muralha de gelo, a Antártica.

A fundação da Sociedade Zetética de Parallax, subsiste após sua morte com seus seguidores que, por uma ou outra razão, não querem deixar de acreditar no Terraplanismo, apesar das evidências em contrário.

Supõe-se que, originariamente, a questão do Terraplanismo era religiosa, baseada em algumas passagens bíblicas, contudo, com o passar do tempo, tornou-se mais uma sociedade esotérica, anticonspiratória ou até mesmo uma seita com seguidores no mundo todo. No Brasil estima-se que 7% da população acredita nisso. Uma pena, mas também acreditam em *mula-sem-cabeça*...

Como disse Blaise Pascal: *Há razões que a própria razão desconhece.*

A ascensão de governos extremistas em vários países do globo têm recorrido, como pano de fundo, à mitificação de valores e crenças amparadas em falas e falsas premissas de supostos filósofos e pretensos intelectuais reforçando crenças anacrônicas ou absurdas. Não se pode negar que o uso de crenças e fé cega é uma estratégia de manipulação de massa e ocupação de poder. Basta olhar para o entorno para perceber o uso da ignorância alheia como estratégia de dominação.

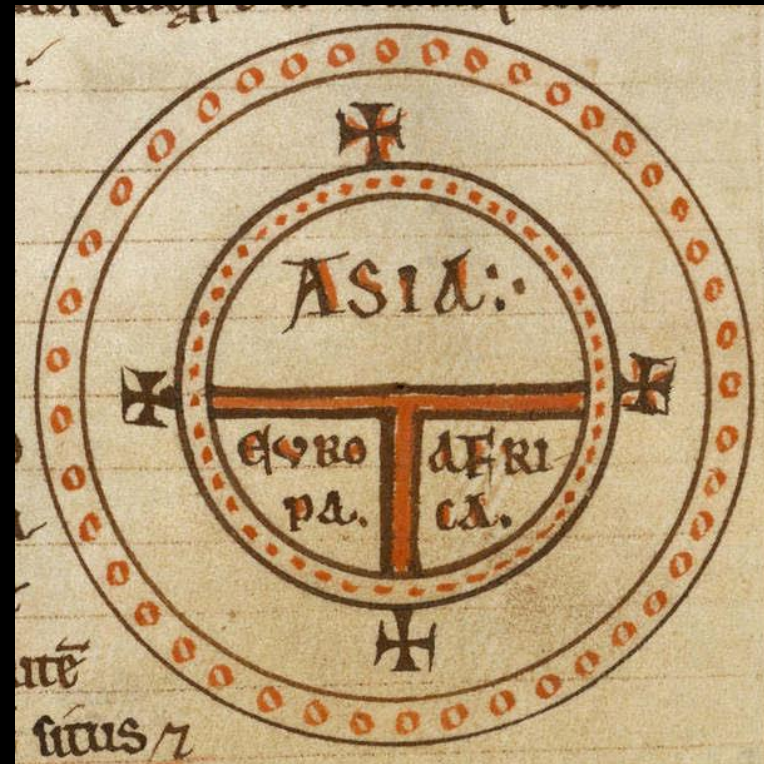
Tudo muito bom, tudo muito bem, mas o que a Arte Visual tem a ver com isto? Muito!

Como disse, a “representação” da figuração do mundo depende de imagens. Os produtores de imagens eram os artistas já que não haviam meios técnicos ou tecnológicos para registrar o ambiente por impressão própria como a fotografia, logo, a imagem era “contaminada” por crenças ou simplesmente pelo estilo ou modo de contar, narrar algo, então era possível que intenções, realidade e fantasia se misturassem.

Os primeiros Cartógrafos também dependiam de habilidades gráficas para transformar informações colhidas do mundo natural em imagens capazes de comunicar aspectos do meio como rios, florestas, fronteiras entre reinos, vilas, cidades ou domínios de um ou outro povo, grupamentos ou regiões, portanto, era necessário “criar” algo que fosse capaz demonstrar limites e territórios, convencer ou esclarecer certos fatos ou simplesmente reforçar o pensamento dominante.

Voltando aos Cartogramas, como disse, são representações imprecisas e não geoposicionadas globalmente. Portanto estavam mais próximos da invenção do que da realidade, mesmo que tivessem algo a ver com o território, como lhes parecia, carecia de precisão. Ao lado, um detalhe do "Mapa" de Isidoro de Sevilha, 1040, um cartograma que mostra um círculo com um T inscrito representando três continentes: a Ásia, a Europa e a África.

Foi feito por meio de desenhos e pintura em superfície plana para atender a uma questão representativa e não para traduzir a "realidade". Embora represente o que se quer dizer, não corresponde ao que a terra, de fato, é.



Os cartogramas querem mostrar variações e variáveis que podem se referir a outros aspectos que não apenas geográficos mas se apropriam da figuração geográfica para informar dados de outras origens como sociais, humanos, econômicos, ambientais, etc. Atuam por meio de uma espécie de “licença poética” na qual não importa apenas onde se está no espaço mas quem é ou como interpreta o mundo...



Mapa de 1050, produzido pelo Beato de Liébana, religioso espanhol, orientado a Leste e não ao Norte como é comum. Outro aspecto é que o mapa não se refere a locais geográficos mas ao percurso dos profetas cristãos pelo mundo.



Ao lado, o Mapa dos Saltérios (Londoner Psalterkarte): Um “mapa” do mundo, com Jerusalém no centro e as raças “monstruosas” na extremidade, feito entre 1200 e 1250 dC. As condições “criativas” abrem o horizonte para a expressão artística já que um cartograma não é um mapa referenciado ao que se vê, mas também ao que “prevê”, ao que se quer mostrar mesmo que, em parte, seja fruto da criação ou, talvez, da imaginação. Cartogramas não seguem convenções. Alteram a imagem tradicional dos limites, das fronteiras, das cores para significar coisas que um mapa convencional não admite mostrar, aí entra a capacidade criativa do “mapeador artista” ou suposto “cartógrafo”.



Tábula Rogeriana, mapa criado por Muhammad al-Idrisi a mando do rei Normando Roger II descrevendo Europa, Ásia e norte da África, colocando o Sul no topo e não abaixo como a convenção atual.

Pode-se pensar que os primeiros cartógrafos apelavam para esta possibilidade "cartogramática" e criativa na medida em que os dados que coletavam ou possuíam não eram suficientes para dar conta das informações que precisavam compartilhar com seus semelhantes, daí recorriam à imaginação, às crenças e imposições do poder ou religiosas para realizar seus mapas e, de um modo ou de outro, para configurar acabavam por consolidar tais crenças e valores. Um meio de reforçar o poder e expandi-lo.

Dada às dificuldades de observação e representação de imagens geográficas, havia um consenso generalizado de que a terra era plana, já que o senso comum, aquilo que as pessoas viam ao seu redor era reforçado pelas representações criadas, assim tudo era plano. Esse conceito foi mantido pelo poder na medida em que dominar a informação era também um modo de manter e intensificar o poder. A contenção de informações e dados garantia a manutenção das crenças e dominações: saber é poder.

Exemplo disso é o Geocentrismo, dogma imposto pela religião que definia a Terra como o centro do universo mesmo sabendo, desde a antiguidade, que o sistema Heliocêntrico era dominante, ou seja, controlar crenças, valores e "verdades" é um dos modos de reprimir e impedir o desenvolvimento de novas ideias, conceitos e avanços humanos. Talvez as *Fake News*, não sejam tão recentes assim, são modos de repressão e controle.

O que mostra a história é que o uso de crenças, dogmas, crendices são estratégias de ocupação, tomada ou manutenção de poder.

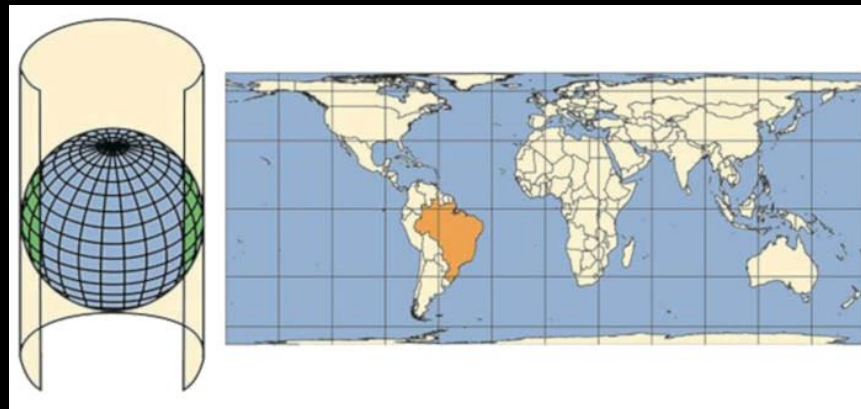
Os Terraplanistas são sofomaníacos, retrógrados de carteirinha que comungam uma espécie de seita cuja satisfação é acreditar ou aceitar dogmas que não têm qualquer justificativa ou evidência geográfica, geomórfica ou astronômica que os amparem e defendam, mas são baseadas apenas em crenças, convicções e valores ultrapassados, se são felizes assim... Para que tirar-lhes a felicidade, pois devem também acreditar em mitos, bruxas, papai noel, bicho papão e assemelhados...

Contudo, representar coisas do mundo natural em superfícies planas é recorrente desde as primeiras imagens criadas na superfície das cavernas pelo ser humano. O artifício de transpor algo do meio tridimensional para um suporte bidimensional já era utilizado desde os primeiros momentos da humanidade. Basta refletir a respeito das limitações para produzir e dispor “maquetes” ou “modelos” tridimensionais das coisas que viam ou que queriam representar naquelas cavernas.

Embora fossem capazes de modelar, esculpir e construir coisas tridimensionais a opção pela imagem bidimensional condensada e conformada à superfície foi a estratégia mais eleita ao longo do tempo. Basta observar as pinturas, desenhos, incisões que predominaram no percurso das imagens desde então. Representar uma figura bidimensionalmente é diferente de representar o espaço tridimensional, para fazer isso é necessário criar estratégias para tanto como efeitos de sombra, luz e perspectiva.

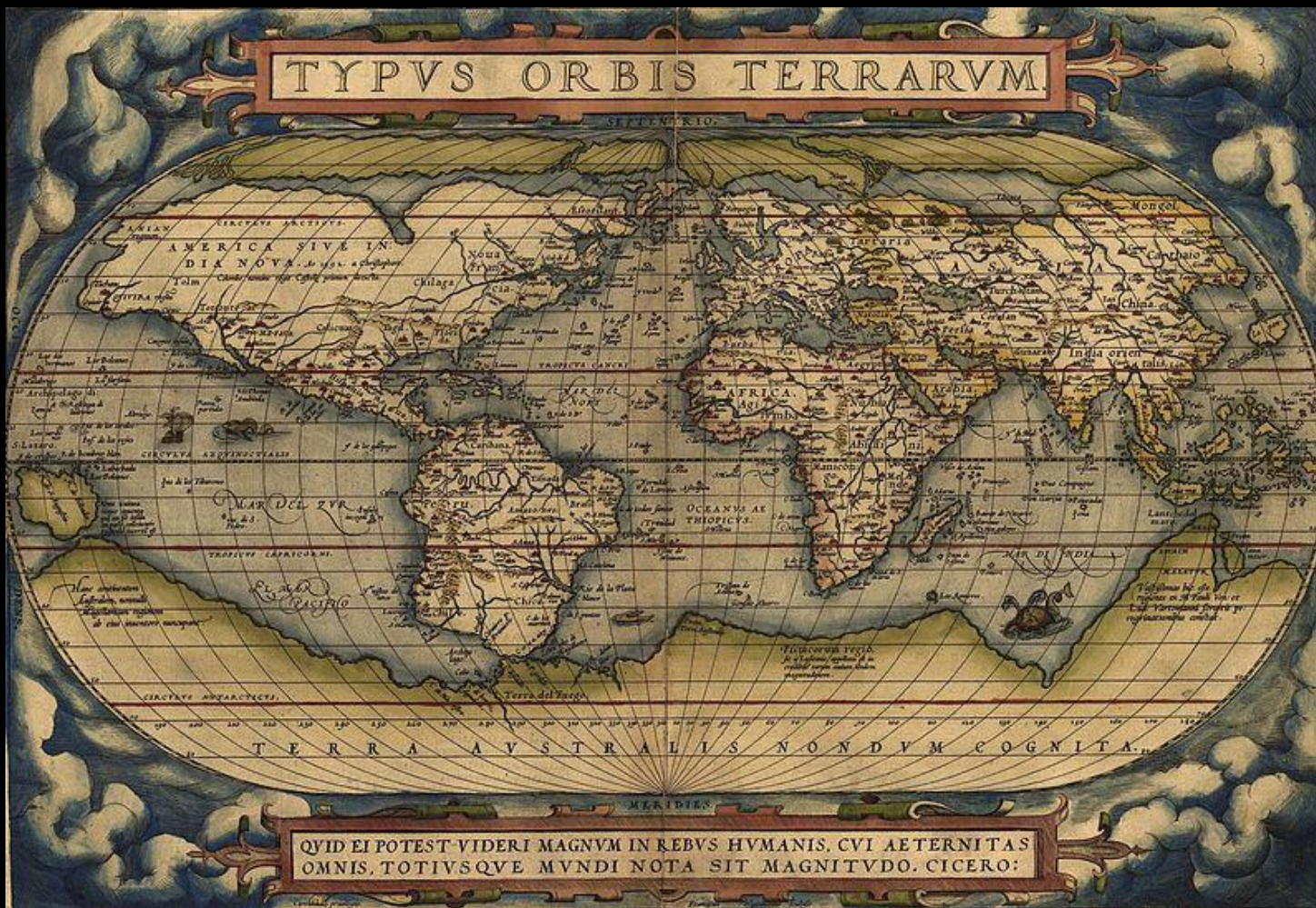
Uma imagem tende ser uma síntese, uma redução ou um esquema de algo, mas a espacialidade implica em definir uma posição no espaço a partir da qual são delimitadas distâncias, proporções, dimensões e outros referenciais difíceis de construir. Basta lembrar que a perspectiva, como meio de representação espacial, só atinge sua eficiência no Renascimento, por volta do século XV, amparada na geometria e na matemática e não da “expressão”. Para criar projeções cartográficas usam-se os meridianos e paralelos demarcados numa esfera.

Há várias projeções cartográficas, a mais comum é a cilíndrica:



Outra é a projeção de Robinson:



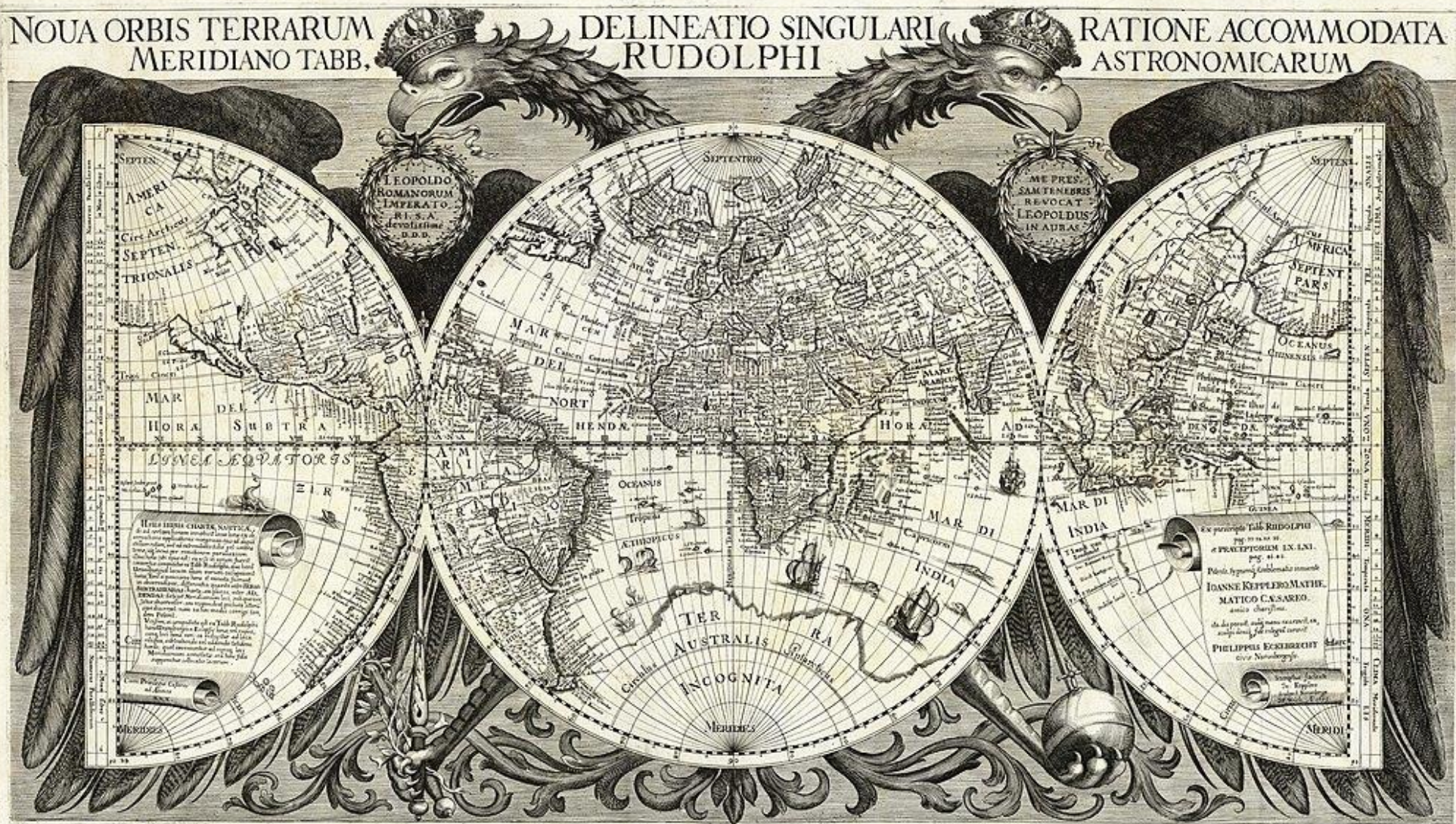


Semelhante à projeção de Robinson, o "Theatrum Orbis Terrarum" (Teatro do Globo Terrestre), de Abraão Ortélio foi publicado em 1570 na Antuérpia, é a que mais se aproxima da situação do mundo no período moderno na medida em que inclui as descobertas das explorações marítimas promovidas pelas casas europeias colonizadoras.

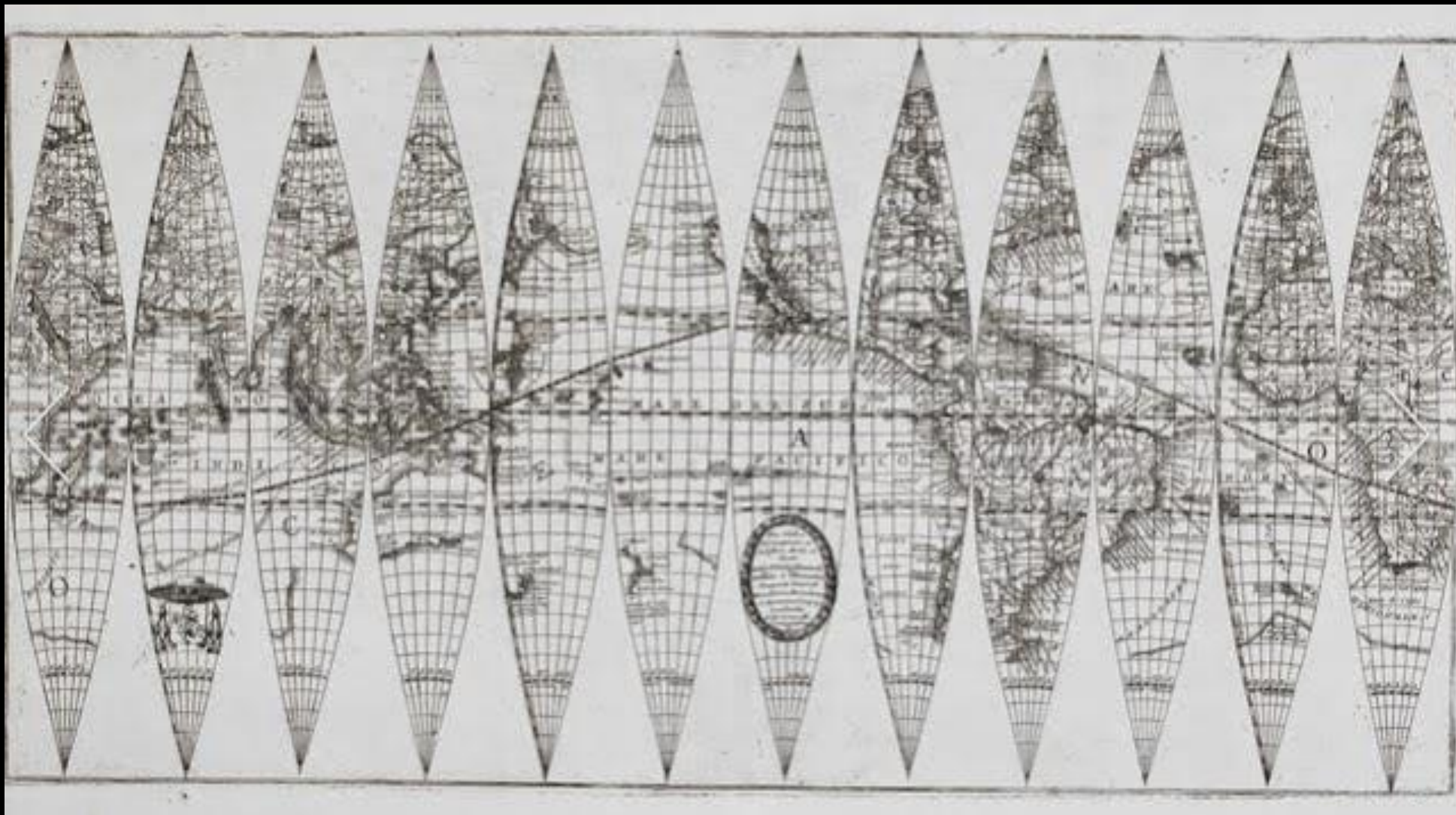
NOUA ORBIS TERRARUM
MERIDIANO TABB.

DELINEATIO SINGULARI
RUDOLPHI

RATIONE ACCOMMODATA
ASTRONOMICARUM



Mapa mundi das Tabelas Rodolfinas de Johannes Kepler (1627).



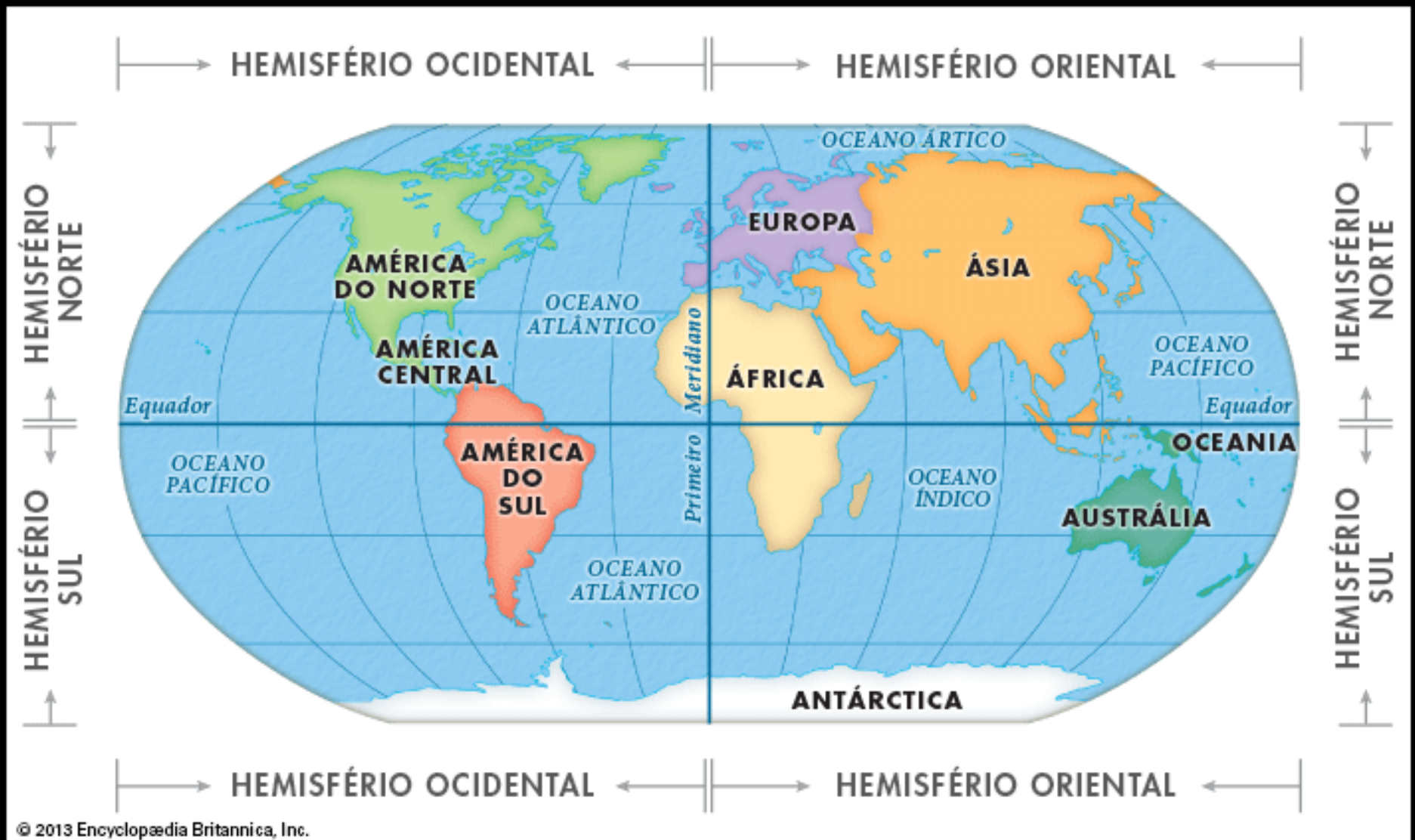
A mais completa e complexa projeção esférica do globo de 1700, observe o uso da geometria para construir tal representação.



Acima à esquerda a representação tridimensional do Mapa/Globo Terrestre, gravado em ovo de avestruz, Florença, Itália, realizado em 1504. Ele inaugurou o uso de “Globos” as esferas ilustradas com pinturas, gravuras e, hoje em dia feitos a partir de fotografias. Os Globos contribuíram para dar maior credibilidade à espacialidade esférica da terra e um meio de produzir maior “veridicção” em relação à realidade...

À direita uma fotografia divulgada pela Agência Espacial Americana, NASA, mostrando fotograficamente a esfericidade da Terra.

Lamento Terraplanistas, vocês perderam a aposta!

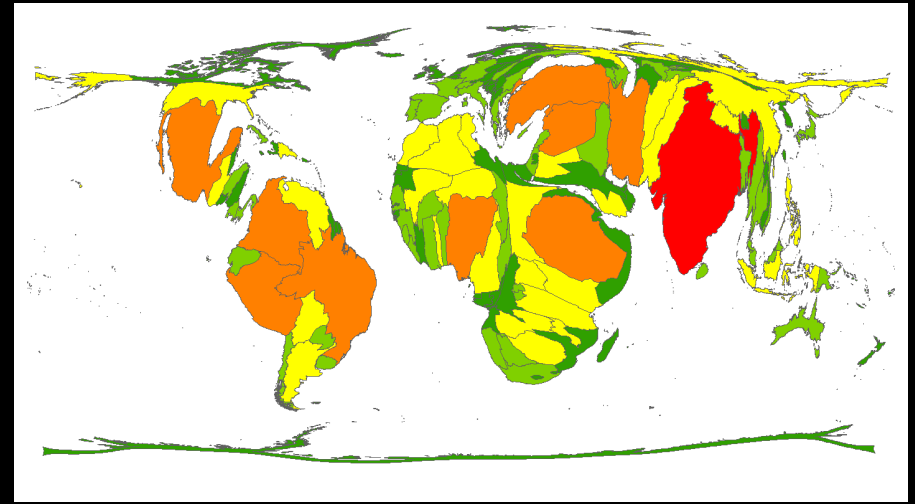
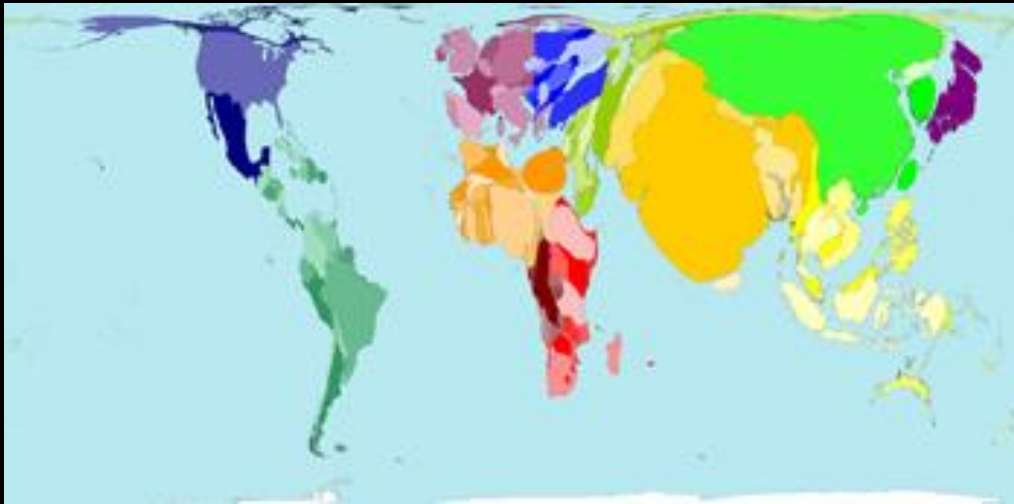


Outra questão perpassada pela cartografia é o reconhecimento da separação entre Ocidente e Oriente. Embora geograficamente a divisão entre estas duas "identidades" seja perceptível num mapa, nem sempre a compreensão à esse respeito é tão clara assim no dia a dia.



Quando se fala em Arte Ocidental se fala do que? Da separação entre Ocidente e Oriente que, na concepção cultural tradicional, não corresponde à separação geográfica, mas sim a um “arranjo” para definir o pensamento Medieval, Moderno até Contemporâneo.

Os mapas, nem sempre acomodam apenas a geografia, mas também a cultura e as aquisições conceituais, informativas e as dominações que ocorreram ao longo da história para explicar origens, condutas, condições e características. Nesse mesmo sentido, os Cartogramas distorcem propositalmente formas para reforçar, intensificar dados e informações, portanto não são representações realistas ou geométricas ou geograficamente precisas mas criações elaboradas para gerar efeito de sentido sobre o que se pretende dizer ou significar:



Na imagem da esquerda acima, os países são escalados de acordo com sua população, resultando em densidade populacional quase constante, logo há distorções em relação aos formatos geomorfológicos originais. A da direita representa Inovações para sistemas alimentares sustentáveis.

Nesse aspecto, a criação de Cartogramas se aproxima mais da Arte do que da Geografia. Um geógrafo não pode alterar, mudar, inventar imagens para facilitar a compreensão das coisas, deve manter os dados corretos, nesse caso as imagens não são tão "legais", mas são precisas.

Por outro lado, os cartogramas são como os "ideogramas" espécies de "mapas mentais": ilustrações interessantes e plasticamente mais estimulantes para a apreciação e, quem sabe, informar de um modo mais lúdico.

O Cartograma acaba sendo um elemento de criação, do mesmo modo que faz o artista cuja liberdade poética lhe dá autonomia para imaginar, criar e expandir limites conceituais ou criativos, nesse caso, a criação dialoga com a informação. Não trai a informação que se quer transferir, mas se apropria das estratégias discursivas e plásticas da Arte Visual para colocar em funcionamento seu discurso visual e no fim a Arte ainda pode ser também um meio estimulante e divertido de informar...

Em Arte Visual é necessário distinguir o que é usado para “representar” o que se vê e o que é usado para dizer o que se pensa. Um artista não é o porta-voz da verdade, da realidade ou do senso comum. Embora, ao longo do tempo, a Arte Visual tenha ocupado o lugar do dizer em acordo com o poder e com crenças e valores, contudo isto não quer dizer que os artistas continuem à serviço do *status quo*. Na medida em que a Arte, a partir do Modernismo, assumiu sua autonomia estética, criativa e conceitual diminuiu sua dependência do sistema dominante.

Embora não seja possível afirmar que todas as pessoas que praticam Arte o fazem com autonomia e conhecimento, é de se supor e esperar que a grande maioria o faça com estes propósitos. Mesmo que aqui e ali surjam retrocessos, anacronismos e distensões espera-se que o conjunto das manifestações não sucumba ao senso comum e que, de um modo ou de outro, permaneça com o espírito de inovação que motivou as vanguardas e possibilitou o surgimento do Modernismo e do Pós-Modernismo.

Tais inovações não ocorreram apenas no contexto da Arte ou da Cultura, mas também em outros nichos sociais como na indústria, na tecnologia e em vários outros campos do conhecimento possibilitando conhecer desde o universo microscópico até o astronômico. Hoje os mapas não desenham apenas os limites e condições geográficas terrenas mas também as galáxias. A ciência é capaz de mapear o corpo humano olhando dentro e através dele e observar suas conexões, relações e reações.

A genética, a biologia, a eletrônica, a robótica e tantos outros conhecimentos acumulados e desenvolvidos no século XX subsidiam o desenvolvimento do século XXI. Não é possível retroagir ao passado nem que se queira. A informação, mesmo sob o ataque e achques do sistema de dominação, já não é tão facilmente controlável. As mídias sociais ocupam hoje um lugar importante para localizar o indivíduo tanto no espaço quanto na cultura. Usar tais instrumentos também é um recurso para manutenção do poder.

O que se vê no mundo atual é uma corrida para dominar os sistemas de informação em rede e as tentativas de impedir o controle sobre eles sob a justificativa da “liberdade de expressão”, o que se faz é promover a desinformação proposital destinada a descredibilizar o bom senso a troco do senso comum.

Obviamente, os meios digitais que amparam as mídias sociais, por si sós, não promovem transformações, mas são dominadas pelo poder econômico que não conhece limites. Manter os sistemas de educação, trabalho, saúde e informação em níveis precários é garantir a manutenção do poder.

Os processos de desenvolvimento e avanços instaurados na contemporaneidade não são individuais, feitos por um inventor, um achado ou uma coincidência, mas resultam de interconexões desenvolvidas por quem domina conhecimento e economia. Reter dados ou informações é investir na estagnação e promover a dependência, ao passo que difundir a ciência e tecnologia é investir na transformação e buscar o equilíbrio sociocultural e econômico. Ao contrário do pensamento neoliberal, é necessário investir em pessoas e não só no capital.

Comecei falando sobre o Terraplanismo e acabei tocando em questões de caráter político, social e econômico. Enfim, em que momento as fronteiras dos mapas de conhecimento, ideológicos ou delírios mentais vão ser quebradas?

A meu ver não é normal que depois do percurso histórico tão rico pelo qual a humanidade passou, da pré-história ao século XXI, que voltemos a acreditar em velhas crenças que mobilizaram as antigas civilizações e já superadas pelo conhecimento científico continuem contaminando o saber atual.

Não é razoável voltar a questionar aspectos que, em termos de conquistas e resoluções normativas, já foram superados, não se pode voltar atrás e colocar a sociedade no passado. Não digo isto apenas em relação ao Terraplanismo, mas em relação ao despreparo que supostos líderes têm assumido no mundo atual, amparandos em falácias nocivas às pessoas, à sociedade, enfim, à humanidade. Não se trata da discussão à respeito de regimes políticos, mas sim de investir no respeito ao ser humano, ao meio ambiente e às conquistas sociais já consolidadas.

As lutas empreendidas pela humanidade em busca de melhores condições de sobrevivência não podem ser esquecidas pois custaram a vida de muitas pessoas por várias gerações e centenas de anos. Não é justo que ainda hoje, estas lutas ainda sejam amparadas em soluções bélicas que promovam repressão, exclusão e morte.

Não é admissível nem compreensível que os processos de dominação ainda recorram aos sistemas e meios rudimentares de dominação. Os defeitos e mazelas da humanidade são motivos para busca de superação e não de retrocesso.

Não é de se esperar que a humanidade se torne melhor por meio de um passe de mágica, a história mostra que o ser humano é falível. Que recorre continuamente aos meios mais baixos, rudes e primários de dominação como guerras e conflitos que ainda ocupam muitos territórios e nações. Contudo esperar a ascensão do bom senso é um ato de fé. Esperar um mundo mais equânime, humano e menos suscetível às tentações do poder. Manter anseios, desejos e esperanças é típico da condição humana e isto não pode sucumbir ao mapa da destruição e da miséria.